

A CONSTRUÇÃO DA MANGUETOWN
CARANGUEJOS COM CÉREBRO ARTICULANDO O RECIFE COM A
FLUIDEZ GLOBAL

Esdras Carlos de Lima Oliveira*

Resumo

Esse artigo tem como objetivo analisar o release/manifesto *Caranguejos com cérebro* de autoria de Fred O4, um dos mentores da movimentação cultural *Manguebit*, além de algumas características da própria movimentação. Nosso recorte é de 1990 até 1997. Nosso referencial teórico é formado através da relação entre a História Cultural e os Estudos Culturais, de onde tiramos os conceitos de hibridismo cultural e modernização incompleta de Néstor Canclini. O *Manguebit* se apresentou como uma estratégia de inserção no processo de globalização, mas, também se insere dentro da tradição histórica da cidade e do estado de Pernambuco de desejar sair da opacidade histórico-espacial e serem agentes ativos nacionalmente.

Palavras-chave: História do Recife. Caranguejos com Cérebro. Manguetown. Manguebit.

Algumas características do trajeto histórico de Pernambuco e sua capital Recife

Todo rio é encontro entre Negro e Solimões. Também a História, embora possa parecer às vezes homogênea, contínua, habitada por semelhanças, pela repetição, pelo mesmo, é trabalhada por dentro pela diferença, pela heterogeneidade, pela descontinuidade, pela justaposição de elementos, por relações, por eventos de distintas características. Como podemos acreditar ser possível isolar um fato econômico, de um fato cultural, ou de fato humano, de um fato natural. Nós humanos não somos animais, portanto natureza? ¹

* Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco e atualmente aluno do Mestrado em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Este artigo é desdobramento oriundo da nossa corrente pesquisa *A construção da Manguetown: sampleando tradições e articulando o Recife com a fluidez global (1991-1997)*.

¹ DURVAL MUNIZ, Albuquerque Júnior. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007. p- 31.

Não devemos imputar exclusivamente ao processo de mundialização o desejo de Recife de ser um espaço luminoso², certas características acompanham o trajeto histórico da cidade e do estado do qual é capital. Existe uma cultura histórica, em Pernambuco, mais precisamente na sua principal cidade, de nativismo ou apego as “coisas da terra”, mas, ao mesmo tempo, de atrelamento as dinâmicas mundiais, salientando-se que em contextos e de modos diversos, com fluxos e refluxos econômicos, políticos e culturais. Essas dinâmicas remontam desde a restauração do domínio português após a expulsão dos holandeses dos territórios da capitania de Pernambuco, cuja capital do domínio batavo fora Recife e para que tal empresa fosse possível o então porto do mero arrabalde de Olinda foi remodelado a partir dos planos de Mauricio de Nassau e de sua comitiva, ganhando estrutura similar a muitas cidades européias dos Seiscentos, escoando mercadorias da extensa capitania e recebendo produtos e idéias vindos da Europa.

Segundo Raimundo Arrais: “O resultado da ação holandesa sobre a produção, o comércio, o porto e os negócios foi a criação de condições para que o Recife se tornasse o núcleo mais importante da colônia”³. Ele segue e diz que em 1817, “Olinda era o retrato do abandono” e cita um observador da época, que nos diz que “noutro tempo considerável fluorescente, ereta cidade episcopal em seiscentos e setenta e seis, quando já estava bem decaída com a tomada dos holandeses, é hoje pobre, e mal povoada em razão da vizinhança do Recife...”⁴ A cidade, com seu porto, passa a ser um importante centro da região e isso vai marcar todo seu percurso histórico. Como salienta Canclini:

As grandes cidades portuárias foram [...] entidades muito abertas, onde as tradições locais se hibridizavam com os repertórios culturais procedentes das metrópoles com que comercializavam [...] Encontramos nesses centros [latino-americanos] antecedentes da globalização, mas com restrições resultantes da lógica colonial ou imperial que privilegiava os vínculos com uma metrópole.⁵

Após o retorno ao domínio lusitano, em vários momentos o sentimento nativista se expressa, tendo a Batalha dos Guararapes como marco deste apego a terra, da gênese da identidade regional. Terra que em muitos momentos se engraçava pelo autonomismo

² Para melhor compreensão dos conceitos de espaços luminosos e opacos ver: SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço - Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

³ ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004. p. 108.

⁴ Idem. *Ibidem*.

⁵ CANCLINI, Néstor Garcia. *Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 159.

ante a metrópole ou, após a independência, ante o regime monárquico, onde a capital e a província mergulharam em um difícil processo de perdas territoriais e dificuldades financeiras, após 1822, ficando a mercê dos ditames da capital imperial, Rio de Janeiro, justamente devido a suas pretensões pretéritas revolucionárias (1817 e 1824), vendo sua importância econômica e política declinar pouco a pouco.⁶

O desejo de continuar a ser o espaço dominante dentro do Brasil, pauta o trajeto histórico de Pernambuco e de sua capital, a cidade de Recife. Isso se percebe nitidamente a partir de fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Recife e seu tradicional círculo de intelectuais de vários estados vizinhos de Pernambuco passam a elaborar uma série de práticas para frear o processo de arruinamento político e econômico do então Norte do país, ante o predomínio cada vez mais nítido do Centro-sul, tanto na economia, quanto na política nacional. Gilberto Freyre e os intelectuais que o orbitavam (muitos dos quais bacharéis pela Faculdade de Direito do Recife, centro intelectual de uma vasta região e formadora das elites políticas da época) vão se entrincheirar em uma prática regionalista, para poder criar estratégias de defesa do espaço do qual fazem parte. Foram construídos imagens, textos e sons que se apegavam a elementos saudosistas de um passado de fausto e poder; ao engenho, ao canavial, a família patriarcal e ao tradicionalismo de suas classes dirigentes, bases, segundo eles, da sociedade e da cultura desses estados, pois, no passado colonial, muitos deles eram partes do mesmo território.⁷

Essas práticas de defesa contra os sudestinos e, principalmente, contra a vertente de modernidade adotada pelo novo espaço dominante, vão ser usadas na construção da região histórico-geográfica do Nordeste, em um processo analisado por Durval Muniz no livro *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Esse autor diz que:

A invenção do Nordeste, a partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço.⁸

⁶ Para entender tal processo e a gênese do nativismo pernambucano, que tem como principal centro a cidade do Recife, ver: MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de historia regional*. São Paulo: Senac, 2001.

⁷ Ver: DURVAL MUNIZ, Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.

⁸ Idem. *Ibidem*. p.40.

Com essas estratégias o Nordeste, em um movimento endógeno, se fecha em suas práticas discursivas. Tendo sua identidade, também, construída através da visão sudestina sobre seu espaço e sua cultura. Como salienta Durval Muniz:

O Sul é o espaço-obstáculo, o espaço-outro contra o qual se pensa a identidade do Nordeste. O Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno na rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional.⁹

Posteriormente, com o surgimento e espraiamento dos grandes aparatos midiáticos no Brasil, a partir dos anos 70, a região nordestina vive cada vez mais na subalternidade, e se acirram os “ataques” pelos signos advindos do Sudeste. Ou seja, dentro desta lógica e diferente dos regionalistas da década de 20 e da década de 70 (entendemos o Movimento Armorial como um desdobramento regionalista), o *Manguebit* não queria só se conectar ao mundo, mas procurar uma forma de resistir a situação de marginalidade e opacidade ante os espaços luminosos do Brasil e procurou usar como estratégia discursiva, para reverter essa situação, o apego as redes globais, a internet e as novas formas de fazer música, por exemplo.

Tentando equacionar o cibernético, fluido, com a cultura e identidade da cidade, reelaborando velhos discursos dentro desta lógica. Levando a produção cultural local, não apenas a tecer odes sobre a cidade, mas criticar a realidade dela, sua estagnação cultural, social e econômica. Injetar fertilidade e reavivar os ânimos, principalmente dos mais jovens. Não tendo uma concepção fechada da própria cultura e identidade como os regionalistas. Temos a construção de uma cidade que se atrela ao mundo através de um movimento cultural exógeno, articulado com as redes globais de informações. Mas, ainda, dialogando com tradições, com a história do recorte regional ao qual faz parte. São essas as características complexas da *urbis* recifense dos *mangueboys*, que atuando como *samplers* vão colando pedaços de tradições com a fluidez global e reelaborando o Recife.

Crabs with a brain *

⁹ Idem. “Enredos da Tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil”. In: Idem. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008. p- 135.

* Caranguejos com cérebro, em inglês.

No *release*/manifesto *Caranguejos com cérebro*, lançado na imprensa pernambucana em 1992, podemos ver o que movia esse grupo de jovens elaboradores da nova identidade da cidade. Para tal empreitada recorrem à história e a geografia da cidade para atacar seus problemas e buscar soluções. Na primeira parte Fred Zero-Quatro, o autor, dá as características geográficas de um estuário, pois, a cidade é o estuário de dois grandes rios que desembocam no Atlântico, o Beberibe e o Capibaribe, que sofrem com a poluição e a ocupação desordenada das suas margens, há muito tempo.

Estuários são locais de imensa fertilidade, pois, são pontos de confluência das águas do mar com as águas do rio e em suas margens nascem os mangues. Esse ecossistema marca a identidade espacial da cidade do Recife e vem sofrendo, desde o início do povoamento da região, intensa destruição. Ponto final das águas, mas começo da vida, tendo em vista sua imensa fertilidade, o mangue passa a ser usado como metáfora por Zero-Quatro para reavivar a cidade.

Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro. Não é por acaso que o mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha.¹⁰

É neste ponto que mostramos um trecho da letra da música *Cidade Estuário*, de autoria do próprio 04, para mostrar o quanto esta alegoria serve para entender o *Manguebit* e sua relação com um dos espaços mais importantes da identidade espacial da cidade do Recife: “Maternidade– Diversidade- Produtividade/Recife – Cidade – Estuário/Recife – Cidade és – tu../Água salobra, Desova e criação/Matéria Orgânica, troca e produção/”.¹¹

A segunda parte do manifesto se apegua a história da cidade e começa da seguinte maneira:

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)

¹⁰ ZERO-QUATRO, Fred. Manifesto Caranguejos com cérebro. Disponível em: <<http://www.sambanoise.hpg.ig.com.br/manif1.html>>. Acesso em : 09 fev. 2010.

¹¹ Trecho de Cidade Estuário. In: Mundo Livre S/A. Op. Cit. 04, FRED. Op. Cit.

cidade "maurícia" passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.¹²

No decorrer do século XIX e XX a cidade passa por transformações importantes na sua geografia. Vai ganhando pouco a pouco território, devido à anexação dos arrabaldes que cresciam nas suas cercanias e temos a chegada de novos moradores advindos do interior da província. Os problemas relativos a ocupação desordenada, tais como poluição de rios, córregos e lagoas, o aterro em áreas de mangue e a ocupação desordenada de terras se agravam e fazem com que a cidade comece a sofrer sérios problemas relativos a saúde pública, com epidemias constantes, devido a falta de estrutura sanitária e de habitação da maioria de seus moradores.¹³ “Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de "progresso", que elevou a cidade ao posto de "metrópole" do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.”¹⁴ Essas palavras ecoam contra os desejos que eram acalentados pelos admiradores da modernidade, que fizeram na cidade, da metade do século XIX em diante, diversas obras públicas para tentar controlar o ritmo da natureza e através da imprensa apregoavam a palavra salvadora do progresso, em um processo analisado brilhantemente em *O pântano e o riacho*, por Raimundo Arrais; no livro *(Des)Encantos Modernos*, de Antônio Paulo Rezende e em *A Construção da Verdade Autoritária* de Maria das Graças Ataíde. Porém este progresso não era para todos, interessava basicamente as elites e era controlado por elas.

As idéias de Josué de Castro são sentidas nas palavras de 04, sendo também citadas em canções da *Nação Zumbi*. A cidade do Recife possuía nos tempos de Castro mais de 250 mil, dos 700 mil habitantes, vivendo “em habitações do tipo mocambos, plantados nos mangues e nos arredores da verdadeira cidade”, ao ajuntamento destas habitações pobres e sem estrutura, o geógrafo e médico, deu o nome de “mocambópolis”. Situação que pouco mudou até o início da década de 90.¹⁵

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido,

¹² Idem.

¹³ ARRAIS, Raimundo. Op. cit. p. 387 – 411.

¹⁴ 04. Fred. Op. Cit.

¹⁵ CASTRO, Josué. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: Antares, 1984, p. 142.

também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários.¹⁶

Este início da parte final do texto tenta buscar soluções para as problemáticas apontadas nas partes anteriores; um choque para reavivar a quarta pior cidade do mundo para ser viver, segundo uma pesquisa feita pelo *Population Crisis Commitee*, de Washington, que saiu na imprensa pernambucana em 26 de novembro de 1990. O mangue, nas palavras de Zero-Quatro, pode ser lido como alegoria para a cultura dos espaços subalternos da cidade, que se tornam fonte de nutrientes para reavivar a cidade “morgada”, que quer dizer cabisbaixa na gíria recifense. Segundo 04, para sair desta situação

Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. Em meados de 91 começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo é um "circuito energético", capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop.¹⁷

Recortando e colando elementos dispersos no tempo e no espaço e, com isso, criando algo diferente, multicolorido, multisonoro, unindo maracatu, coco, samba, bossa, música eletrônica, *rock'n'roll* dentre outros ritmos; elementos da cultura popular com traços da cultura *pop* nacional e mundial.

Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em quadrinhos, tv interativa, anti-psiquiatria, Bezerra da Silva, Hip Hop, midiotia, artismo, música de rua, John Coltrane, acaso, sexo não virtual, conflitos étnicos e todos os avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência.¹⁸

Eles fincaram uma parabólica na lama do mangue das margens do Rio Capibaribe. Essa é a alegoria que sintetiza as idéias do movimento e que ilustra a face do Recife a partir das idéias dos *mangueboys*, novos construtores da identidade da cidade.

Recife, a *Manguetown*, e a sua articulação com a fluidez global

¹⁶ ZERO-QUATRO. Fred. Op. Cit.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

O *Manguebit* têm detrás de si uma carga histórica poderosa, baseada no nativismo nos períodos colonial e imperial, no regionalismo da década de 30, no Movimento Armorial na década de 70 e em toda a produção e construção da identidade da cidade do Recife no decorrer do seu processo de modernização, que tem como resultado sérias conseqüências ambientais, sociais e econômicas, com isso, colaborando com uma carga histórica influenciadora que vai ser trabalhada pelo olhar da juventude recifense de *mangueboys* e simpatizantes.

O grupo que orbitava ao redor de Chico Science e *Nação Zumbi* e da *Mundo Livre S/A*, vai ser o iniciador desta reconstrução e/ou remodelação da imagem e dos sons do Recife. Atando pontas distantes dentro da dinâmica sócio-histórico-cultural da cidade, o movimento *Manguebit*, começa um processo de redefinição da identidade do espaço recifense na mudança de milênio. Colaborando para fazer transformações e articular a cidade ao aparato midiático nacional e mundial nos tempos ferrenhos da globalização, que mergulha determinados espaços na opacidade e tem seus caminhos construídos pelos centros do capital, levando os espaços subalternos a criar estratégias para tentar serem espaços mais luminosos.

O que nasceu periférico, anos depois apareceu na filial brasileira de uma grande rede americana de TV e música, a *MTV*, lançou álbuns por grandes gravadoras, caso da banda de Chico que assinou contrato com a *Sony*, fazendo shows por todo país e fora dele, aparecendo nas diversas mídias para um grande público e influenciando, também, na retomada da produção pernambucana de filmes (caso emblemático de *Baile Perfumado*, de Paulo Caldas e Lírio Ferreira, de 1997, na produção de moda e das artes plásticas de Pernambuco e construindo um discurso sobre a cidade do Recife baseado na multiculturalidade, abrindo as portas para que a cidade fosse observada como espaço consumidor e criador dentro da indústria cultural. Ângela Prysthon, em um artigo sobre cinema periférico, diz algo que pode ser estendido as cenas culturais dos espaços periféricos de um modo geral, onde:

há uma busca explícita pela inserção no mercado de cultura mundial. Tal inserção está, de certo modo, garantida pelo espírito do tempo, um momento bem propício no qual a cultura periférica não apenas passa a ser percebida pela cultura central, como passa a ser consumida na

metrópole; o ponto em que a diferença cultural passa a ser encarada quase como estratégia de marketing.¹⁹

No álbum *Da lama ao caos* (1994), de *Chico Science & Nação Zumbi* temos uma música de abertura emblemática que sintetiza muito do imaginário da cena mangue, a faixa *Monólogos ao pé do ouvido/ Banditismo por uma questão de classe*, que tem o seguinte trecho, onde o autor, Chico, *cola* pedaços distantes de História, de homens que lutaram em revoluções, movimentos messiânicos ou pelas bandas do sertão em bandos armados:

Modernizar o passado/é uma evolução musical/Cadê as notas que estavam aqui?/Não preciso delas! [...] O homem coletivo sente a necessidade de lutar [...] Viva Zapata/Viva Sandino/Viva Zumbi/Antônio Conselheiro/Todos os Panteras Negras/Lampião sua imagem e semelhança/Eu tenho certeza eles também cantaram um dia.²⁰

Para Herom Vargas, a música de *Chico Science & Nação Zumbi* é baseada no *hibridismo cultural*²¹, conceito proveniente das análises de Néstor Canclini da cultura latino-americana, pois, “Um dos principais veios musicais do grupo [...] provém das manifestações tradicionais de Pernambuco com as quais os músicos tiveram contato desde a infância [maracatu, coco, embolada, dentre outros], sobretudo os percussionistas”²²; sendo que, a musicalidade do grupo advém da junção destes ritmos tradicionais, com os “gêneros atuais globalizados produzidos a partir das tradições negras dos EUA e dos imigrantes caribenhos que aportaram neste país. São os casos do *rock*, da *soul music*, do *funk*, do *reggae* e do *rap*”²³, segue dizendo Vargas, que, “Canções, cantores e grupos destas tradições eram ouvidos por alguns músicos da

¹⁹ PRYSTHON, Ângela. Do terceiro cinema ao cinema periférico: estéticas contemporâneas e cultura mundial. In: *Revista Periferia*. Vol. I, nº 1, 2009. p- 86. Disponível em: <http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/angela_prysthon.pdf>. Acesso em 20 de ago. 2009.

²⁰ Trecho de “Monólogo ao pé do ouvido/ Banditismo por uma questão de classe”. In: CHICO Science e Nação Zumbi. *Da Lama ao Caos*. Produção de: Liminha. Recife: Chaos / Sony Music, 1994.

²¹ Para compreender o conceito de hibridismo cultural ver: CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

²² SILVA, Herom Vargas. *Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.p. 115 e 116.

²³ Idem. *Ibidem*. p. 123 e 124.

Nação Zumbi, especialmente Chico Science, Jorge Du Peixe, o guitarrista Lúcio Maia e o baixista Alexandre Dengue”.²⁴

Esta questão, que leva a pensar em uma musicalidade híbrida, é fruto de um contexto histórico marcado por contradições, fluxos e refluxos de uma modernidade incompleta, pois, ela não se processa de modo acessível a todos e torna os espaços latino-americanos, principalmente, locais de grande desigualdade e acabam influenciando no desenvolvimento do capital simbólico destas localidades. Com suas sobreposições de grupos de origem distintas, as cidades da virada do século acabam sendo locais de novas dinâmicas, onde se colocam lado a lado a ágil tecnologia da informação com as tradições culturais; a riqueza e a pobreza separadas por uma rua.²⁵ Esses fluxos nos levam a pensar as dinâmicas culturais da cidade do Recife na década de 90, como sendo híbridas, pois, “as tecnologias contemporâneas (TV, satélite, computador pessoal, fibra ótica, internet etc.), ao tentarem desterritorializar diversos elementos culturais e estéticos, têm forçado o surgimento de comportamentos e objetos mesclados e provisoriamente definidos”, pois acabam sendo ponto de convergência entre o local e o global, criando elementos novos de matriz dupla.²⁶

Vemos estas dinâmicas, colocadas no parágrafo acima, em algumas músicas de outra banda referência do movimento que é *Mundo Livre S/A*. No primeiro álbum, *Samba Esquema Noise* (1994), temos duas canções que nos ajudam a entender determinados elementos do movimento Mangue. A relação com o espaço que dá nome ao movimento aparece na canção *Cidade Estuário*:

Maternidade– Diversidade- Produtividade/Recife – Cidade –
Estuário/Recife – Cidade és – tu.../Água salobra, Desova e
criação/Matéria Orgânica, troca e produção/Recife – Cidade –
Estuário/És tu.../(mangue injeta, abastece, alimenta, recarrega as
baterias da Veneza esclerosada, destituída, depauperada,
embrutecida...)/Mangue – Manguetown /Cidade complexo/Caos
portuário/Berçário/Caos/Cidade estuário.²⁷

E a vontade de articulação com a fluidez global, com o uso de terminologias da área de informática como metáforas para a ligação dos espaços e dos sujeitos recifenses com a

²⁴ Idem. p. 124.

²⁵ CANCLINI, Néstor Garcia. *Imaginarios urbanos*. Buenos Aires: Eudeba, 1997, p. 69- 97.

²⁶ SILVA, Herom Vargas. Op. Cit. p. 23.

²⁷ Trecho de “Cidade Estuário”. In: *Mundo Livre S/A. Samba Esquema Noise*. Produção de: Charles Gavin e Carlos Eduardo Miranda. São Paulo: Warner Music, 1994

rede mundial de computadores, é mostrada em *Manguebit*, com o desejo da música mangue se espraiando pelo mundo:

Sou eu transistor/Recife é um circuito/O país é um chip/Se a terra é um radio /Qual é a música?/Manguebit/Um vírus contamina pelos olhos, ouvido/Línguas narizes fios elétricos/Ondas sonoras, vírus conduzidos a cabo/UHF, antenas agulhas/Antenas agulhas/Mangue manguebit [...] Informações entram pelas narinas/ E a cultura sai mal hálito.²⁸

Esse é um novo modo de pensar a cidade, a articular as redes mundiais, mas sem deixar para trás suas características históricas, mas, tentando ser um espaço mais democrático onde a periferia também tivesse vez e voz; *sampleando*²⁹ tradições e articulando a cidade com a fluidez das novas dinâmicas.

REFERÊNCIAS

ZERO-QUATRO, Fred. **Manifesto Caranguejos com Cérebro**. Disponível em: <<http://www.sambanoise.hpg.ig.com.br/manif1.html>>. Acesso em: 24 set. 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

_____. **Nos Espaços de Fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, M^a das Graças Ataíde de. **A construção da verdade Autoritária**, São Paulo: Edusp, 2001.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Imaginários urbanos**. 3 ed., Buenos Aires: Eudeba, 2005.

_____. **Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. 10 ed, Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1980.

²⁸ Trecho de “Manguebit”. In: Idem. Ibidem.

²⁹ Neologismo advindo da palavra inglesa *sampler*, que serve para designar um aparelho utilizado na mixagem e edição musical, que “recorta” trechos de músicas antigas e “cola” em músicas novas na mesa de edição.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da Lama ao Caos**. Produção de: Liminha.
Recife: Chaos / Sony Music, 1994. 1 CD.

_____. **Afrociberdelia**. Produção de: Eduardo BID e Chico Science & Nação Zumbi.
Recife: Chaos /Sony Music, 1996. 1 CD.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A ferida de Narciso**: ensaio de história regional. São Paulo: Senac, 2001.

MUNDO LIVRE S/A. **Samba Esquema Noise**. Produção de: Charles Gavin e Carlos Eduardo Miranda. São Paulo: Warner Music, 1994. 1 CD.

PRYSTHON, Ângela. **Do terceiro cinema ao cinema periférico**: estéticas contemporâneas e cultura mundial. In: Revista Periferia. Vol. I, nº 1, 2009. p- 86.
Disponível em: < http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/angela_prysthon.pdf>. Acesso em 20 de ago. 2009.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço** - Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, Herom Vargas. **Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.